

Amadis de Gaula

Gil Vicente

D

20

GIL VICENTE

Amadís de Gaula

Tragicomedia escrita pelo autor em castelhano,
representada a el-Rei D. João III em 1533,
e agora paraphrasticamente passada a portuguez

POR

JULIO DE CASTILHO

Separata de «*O Instituto*», vol. 57.º

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1910

O MUNDO DO LIVRO

L. da Trindade, 11 - 13

Tel. 2 9951 — LISBOA

GIL VICENTE

Amadís de Gaula

Tragicomedia escrita pelo autor em castelhano,
representada a el-Rei D. João III em 1533,
e agora paraphrasticamente passada a portuguez

POR

JULIO DE CASTILHO

Separata de «O Instituto», vol. 57.º

*Com Marquez de Turcheal.
Lembrança affectiva do
Traductor
Julio de Castilho*

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1910

R. 6188

ESTA TRADUCÇÃO
DA
OBRA MONUMENTAL
DO GRANDE
GIL VICENTE

É AFFECTUOSAMENTE DEDICADA

á pequenina

Isabel Maria Plinia de Brito Freire

PELO SEU QUERIDO PADRINHO

Lumiar, 8 de junho
de 1908.

O TRADUCTOR.

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

Este *Amadis de Gaula* portuguez é traducção, e paraphrase tambem, da bella tragicomedia de GIL VICENTE. Traduzi textualmente muitas scenas, paraphraseei aquellas em que era necessario arranjar transições, aclarar pontos escuros, e adaptar a vetusta composição do nosso Troveiro immortal ás exigencias modernas.

Indicação dos scenarios, partição em actos, rubricas do movimento da scena, tudo é novo.

Prestei a devida homenagem ao genio do nosso maior dramaturgo, e tentei illuminal-o (quanto soube, e como pude) no clarão do theatro do nosso tempo.

A clareza é minha; o bello, o inconfundivel, o grande, pertence a GIL VICENTE.

J. DE C.

PESSOAS

AMADÍS DE GAULA, paladim valente e amoroso; moço formoso e imberbe; filho d'el-Rei Perião de Gaula. Traja de elegante guerreiro: coiraça, espada, punhal; tem na cimeira do elmo um O, com a esphera terrestre pintada dentro.

GALAOR, joven irmão de Amadís.

FLORESTÃO, o mesmo.

GANDALIM, o mesmo, ainda menino.

EL-REI LISUARTE DA GRAN-BRETANHA, ancião respeitavel, mas tímido; barba branca. Traja de antigo Rei, á maneira de certos Soberanos nas illuminuras em pergaminho: corôa e manto.

D. DORIM, Ministro do antecedente; figurão moreno, guedelhudo, e de enormes bigodes com pera ponteaguda; florete muito comprido.

ARBINDIETA, correio e emissario da côrte de Lisuarte; cara rapada; corneta a tiracollo; pasta á cinta.

O ERMITÃO; ancião em trajo monastico; barbas.

O ANÃO de Amadís; refalsado e intrigante; muito cheio de si, e vaidoso da sua linda estatura.

A RAINHA BRISENA, mulher de Lisuarte; personagem muda.

A PRINCEZA ORIANA, filha de Lisuarte e Brisena; formosa rapariga, loira, collo de garça, tranças de oiro cahidas

pelas costas. Traja de brocado de oiro, e lembra (até certo ponto) a Isabel do «Tannhauser».

MABILIA, dama, confidente, e amiga de Oriana.

CORISANDA, senhora illustre, namorada secretamente de Florestão.

DÍNAMARCA, dama do séquito da Rainha Brisena; activa e energica.

PAGENS, DAMAS, e um FRADE LEIGO; figuras mudas.

Com todos os seus anachronismos, a acção passa no seculo VI da era christan.

¿ A que vem n'aquella barca?
 ¿ o que a traz? Lá desembarca.
 ¡ Que vejo! ¡ busca-me a mim!?...

DINAMARCA (*chegando-se a Amadís,
 e falando baixo e rapido*)

Senhor, ¡ tão cançada venho!
 mas foi jornada feliz.
 Ao navegar n'esse lenho,
 (sabei) todo o meu empenho
 era ver-vos, Amadís.

(*Alto, e em voz dolente, para que todos oiçam*).

Padre, ouvi-me em confissão;
 recorro á vossa indulgencia.
 Restitui consolação
 á atribulada consciencia,
 que se fina de afflicção.

(*Annué Amadís por disfarce, e aparta-se com Dinamarca
 para o proscenio, sentando-se ambos n'um penedo, em quanto
 os mais conversam em grupos pelo fundo*).

AMADÍS (*espantado*)

¡ Vós aqui!?...

DINAMARCA (*energica, e dominando-o com o tom
 e o gesto*)

Eu. Respondei:
 ¿ que fazeis aqui n'este êrmo?
 ¿ que é isto? ¿ como é que achei

*

occulto, pallido, enfêrmo,
 e frade... um filho de Rei?!
 Vós, tão feliz nos amôres,
 vós, tão dextro capitão,
 vós, primaz de lutadôres,
 ; como buscais solidão,
 e enterrais tantos primôres?!!

AMADIS (*muito desalentado, e deixando cahir a cabeça
 sôbre o peito*)

Perdi Oriana.

DINAMARCA

Senhor,
 nunca perdestes Oriana;
 illude-vos vossa dôr.
 Ambos perde, ambos engana
 o vosso Anão trahidôr.
 Quem armou tamanho enrêdo,
 fôí só elle. Oriana é pura.
 Do seu proprio amôr tem mêdo;
 tem mêdo á vossa ternura;
 este amôr é o seu segrêdo.

AMADIS (*colérico e erguendo-se de repente*)

; O Anão!!!...

DINAMARCA (*erguendo-se tambem*)

Sim, o infame Anão.
 Lêde isto, antes que me eu parta.

(*Entrega a Amadis a missiva*).

De Oriana a propria mão
 a vós envia esta carta,
 e na carta o coração.
 ; Sus, Amadís! no seu peito
 sincero amôr por vós arde;
 e vós, em prantos desfeito,
 mortalhado, contrafeito,
 treméis como um vil cobarde!?!...

Amadís abre a carta convulso, e lê-a para si, com signaes de alegre commoção. Ao mesmo tempo que a lê, e medita, rompe-se entre a espessura das grandes árvores no 1.º plano uma especie de espelho phantástico, dentro no qual apparece, ao longe, banhada de luz, a branca e vaporosa figura de Oriana, a sorrir e a acenar chamando Amadís. Esta apparição, só elle a vê. Passado um minuto, desfaz-se a visão.

AMADÍS (como acordando de um sonho)

; Sonho, ou velo? Não, não sonho;
 desperto estou. ; Quão feliz!
 Já frade me não supponho;
 abriu-se o porvir risonho;
 renasci. Sou Amadís,
 Amadís, o cavalleiro,
 Amadís, o campeador,
 Amadís, que o mundo inteiro
 encheu com o brado altaneiro
 de lealdade, fé, e amôr.

(Delirante de alegria, chega-se ao velho Ermitão, abraçando-o carinhosamente, depois que este, solenne, e compre-

hendendo o caso todo, foi buscar as várias armas de Amadís, e as traç sobraçadas).

Padre, abraça-me; bem vêz :
de luz o meu ceo se doira.
Hei-de aqui voltar talvez.

(Empurra a vassoira com o pé).

Cá deixo a tua vassoira,
e venha a espada outra vez.

(Deita fora o hábito, e enlaça rápido o cinturão com a espada, recebendo do velho o capacete e o punhal, que segura nos braços).

Fica-te na paz d'este êrmo.
Outro abraço. ; E ao mar! ; ao mar!
A travéz do mar sem têrmo
o meu coração enfêrmo
busca as delicias do amar.
Finda o destêrro; eis o pôrto.
Oriana é como um sol
nas trevas do desconfôrto.
; Vá! ; Ressuscita, homem môrto!
; Lázaro, despe o lençol!...
.....

(Todos embarcam, e vão cantando alegres as seguintes estrophes):

CÔRO GERAL

São findas as canceiras;
nosso penar deu fim.
Soltemos, companheiras,
ao mar o bergantim.

O mar por nós se aplanava,
e a sua voz nos dizia:
; Amôres a Oriana,
e glórias a Amadís!

(Deslisam ao fundo as barcas, ao som de musicas entusiasmadas, em quanto o Ermitão, sosinho na praia, as abençoa. Vai o pano cahindo de vagar, e ficam ainda as melodias ressoando algum tempo).

FIM.

do Livro, Lisbon

8/27/76 - unid. do livro
#207

Vicente, Gil

198819